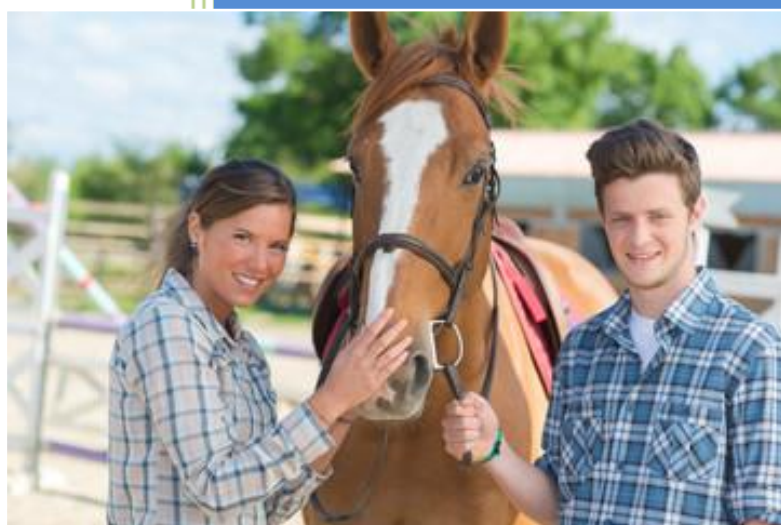


Veterinária para Equinos



Veterinária para Equinos

O parto é conceituado por vários autores como a expulsão de um ou mais fetos do útero materno que ocorre através de diversos fatores, resultantes da ação neuro-hormonal e mecânica que ocorre no feto e na fêmea gestante. Esse fenômeno, naturalmente, pode ser dividido em três fases: fase prodrômica ou preparatória, fase de dilatação e fase de expulsão.

Para que ocorra o parto, acredita-se que o feto promove a indução de uma cascata de eventos hormonais que atuarão na mãe. Esse mecanismo se inicia através do desconforto ao feto gerado dentro do útero no final da gestação que irá estimulá-lo a produzir um hormônio de liberação de corticotrofina (CRH). O CRH age sobre a hipófise, liberando hormônio adrenocorticotrófico (ATCH) e favorecendo a produção e liberação de cortisol na circulação fetal.

Através da circulação fetal, o cortisol vai para a placenta até difundir-se na corrente sanguínea materna, e com esse estímulo, a concentração de estrógeno se eleva. Esse mecanismo faz com que haja liberação de prostaglandina no endométrio. A prostaglandina provoca as contrações uterinas ou pode estimular a liberação de ocitocina, que aumenta a frequência e força de contratilidade do útero.

Mais ou menos uma semana antes do parto, podemos notar a fase preparatória para o parto, pois o corpo da fêmea estará literalmente se preparando para o parto em si. Essa fase ocorre fisiologicamente no final da gestação e a égua se prepara de forma morfofuncional para o ato. Há preparação do úbere para lactação, relaxamento dos ligamentos sacro-isquiáticos e presença de um muco amarelado sendo expelido pela vulva.

Na segunda fase, denominada como fase de dilatação, a cérvix deve estar dilatada o suficiente para que o feto saia do útero, e a bolsa fetal se insinue pelo canal do parto. Para que isso ocorra, há o desencadeamento das contrações uterinas. Essas contrações também são estimuladas pela presença do feto na cérvix que irá estimular a hipófise materna a liberar ocitocina e promover as contrações endometriais. A duração dessa fase, em éguas, dura em média 2 a 4 horas. Caso o tempo seja ultrapassado, pode ser necessária a realização de intervenções obstétricas adequadas.

Na terceira e última fase, denominada fase de expulsão, pode ocorrer o rompimento da bolsa fetal, notando-se as contrações abdominais, devido ao reflexo de esvaziamento estimulado pela presença do feto no canal vaginal e

expulsão do feto. Essa fase costuma durar em média 30 minutos nas éguas por fatores anatômicos que facilitam o parto em relação a outras espécies.

O conhecimento da fisiologia reprodutiva e o acompanhamento gestacional são de grande importância para que não existam perdas e prejuízos com os animais do plantel. A fisiologia do parto é um fator crucial no que diz respeito à entender o momento certo em que se deve ou não intervir com procedimentos obstétricos. Dessa forma, o acompanhamento de um médico veterinário capacitado é imprescindível.

Um neonato equino normal e saudável deve ser capaz de assumir e manter o decúbito esternal e apresentar o reflexo de sucção poucos minutos após o nascimento. Deve ficar em estação em até 60 minutos e mamar em torno de duas horas. A ingestão do colostro nas primeiras horas de vida é importante para a aquisição de imunoglobulinas e estimula a motilidade gastrointestinal, facilitando a eliminação do mecônio em torno de 4 horas após o nascimento (Martins, 2012).

No exame físico, o neonato pode apresentar sinais de imaturidade, de traumas que possam ter ocorrido durante o parto ou da presença de anormalidades congênitas. Em geral, o neonato apresenta temperatura variando entre 37,2 a 38,8 °C. A frequência cardíaca logo após o nascimento está em torno de 40 a 80 batimentos por minuto, no entanto ocorre aumento progressivo à medida que o potro começa a se agitar para ficar em pé, a seguir esta se estabiliza entre 70 – 120 batimentos por minuto.

A palpação de pulso pode ser realizada palpando-se a artéria metatarsal, localizada entre o 2º e 3º metatarsianos. Avaliações da mucosa oral e do tempo de preenchimento capilar também devem ser realizadas. A coloração das mucosas deve estar rósea ou levemente pálida. A frequência respiratória normal do potro neonato varia entre 20 a 40 ventilações por minuto. A eliminação do mecônio ocorre nas primeiras horas de vida. Outro importante parâmetro é o tempo que o potro leva para urinar, isto deve ocorrer em até 12 horas após o nascimento (Vaala et al., 2006).

Normalmente, o potro com o passar do tempo tenta levantar-se para mamar o colostro, este é responsável pela transmissão da imunidade passiva através de anticorpos contra enfermidades nas primeiras semanas de vida, até que o sistema imunológico do neonato possa iniciar a produção de anticorpos de forma competente.

O neonato deve se amamentar nas primeiras 6 a 12 horas de vida, pois neste período ocorre o pico de absorção das imunoglobulinas, que é reduzida gradativamente devido as modificações das células epiteliais do intestino (Figueira, 2009).

As fezes eliminadas na primeira defecação são chamadas de mecônio, em condições normais após a primeira mamada do colostro, o mecônio é eliminado dentro das primeiras horas após o nascimento (Barr, 2007), sendo o colostro um importante estimulante para o trânsito fecal. Em situações em que a eliminação não ocorra nas primeiras 2 horas de vida do neonato, deve ser realizado enema com solução de glicerina líquida neutra e água morna (Dipp, 2010).

Os cuidados com o neonato e diagnóstico rápido, garantirão maiores chances de desenvolvimento do potro, sem maiores gastos com tratamentos e com boas perspectivas em relação as atividades que estes animais irão exercer quando adultos.

A nutrição é um processo que fornece para o organismo os nutrientes necessários para um bom desenvolvimento e crescimento adequado dos animais, e esses nutrientes são extraídos dos alimentos da dieta ingerida diariamente pelos animais. E em cada fase do animal, é importante verificar a evolução do mesmo, pois a falta ou o excesso de algum nutriente no organismo pode interferir diretamente no desenvolvimento e até mesmo na reprodução. A essa necessidade de nutrientes damos o nome de exigência nutricional.

A fase de lactação começa ao parto do potrinho e nesse período as éguas apresentam uma exigência nutricional maior, principalmente para proteína e energia que irão suprir seu gasto diário que dobra nesta fase, consequentemente há também uma exigência diária maior de vitaminas e minerais que são deslocados do organismo para produção de leite. Uma atenção especial deve ser dada também as éguas gestantes nos últimos 3 meses de gestação, onde ocorre o crescimento acentuado do potro no ventre da mãe, elevando sua exigência nutricional. Essa atenção é importante para que a égua esteja com um bom escore corporal no nascimento do potro e consiga apresentar uma boa produção de leite.

É comum criadores manterem receptoras alimentadas apenas com volumoso, porém o uso apenas dos volumosos tropicais não suprem a exigência das éguas nesta fase, levando muitas éguas a finalizarem a lactação magras, apresentando escore corporal baixo.

Nas primeiras semanas de vida, os potros podem mamar até sete vezes por hora, sendo que cada mamada pode variar de um a dois minutos. Para que a eficiência da amamentação ocorra e para que a égua esteja saudável, é importante ter cuidados especiais na alimentação, tanto para a saúde da mãe quanto para a saúde do potro, pois é através da amamentação que o potrinho irá ingerir os nutrientes necessários para crescer forte e saudável.

O desmame normalmente é feito no quinto mês após o nascimento do potro, mas pode ser antecipado por conta de inúmeros fatores, como a interrupção da lactação por falta de leite nas éguas ou mesmo rejeição da mãe ao potro. Para esses casos temos uma ração especial para suprir a exigência do potro.

A falta de nutrientes e o excesso deles podem causar problemas no desenvolvimento do potro, portanto é sempre importante ter um acompanhamento com um nutricionista animal, para verificar a situação do animal e o balanceamento das dietas.

As éguas gestantes, em princípio, devem ser separadas das éguas vazias em piquetes diferentes e quando houver piquetes suficientes devem ser separadas em quatro lotes. Além disso, é muito importante que as éguas gestantes não sejam mantidas confinadas. Com manejo adequado, elas podem fazer exercícios, não excessivos, até um ou dois dias antes do parto. No terço final da gestação, as marchas longas e os trabalhos fatigantes podem provocar aborto. Por isso, é mais conveniente mantê-las em um pasto situado nas proximidades da cocheira, o que facilitará as inspeções diárias. No entanto, as cocheiras somente deverão ser usadas para protegê-las das intempéries.

Quanto à alimentação das éguas prenhas, esta deverá ser atentamente calculada com base individual, considerando também estarem ou não em lactação. Para não serem levadas a ingerir grandes quantidades de ração de uma só vez, o arraçoamento deverá ser efetuado de duas a três vezes ao dia e ser rico em proteínas (13 a 14% - nos três últimos meses) com suplementação mineral e vitamínica.

A alimentação de uma égua gestante requer alguns cuidados. Nos três últimos meses de gestação, se a égua estiver pesando cerca de 500 kg de peso vivo, ela vai necessitar de 18,0 Mcal de energia por dia. Essa energia pode ser conseguida com a administração de carboidratos, gorduras e proteínas na dieta. Quando ela estiver em lactação, nos três primeiros meses, essa quantidade deve subir para 28 Mcal. Além de uma alimentação balanceada, a égua gestante deverá tomar de 40 a 50 litros de água por dia.

Se a égua pesa em torno de 500 kg, ela precisará de 470g diárias de proteínas. Essa proteína pode ser conseguida, administrando-se farelo de soja, por exemplo. Nos três primeiros meses de lactação, essa quantidade deve ir para 950g.

A administração de forragem verde em grande quantidade e de boa qualidade fornece todas as vitaminas necessárias para a égua. O sal mineral deve ser colocado nos cochos, à vontade.

1. Secar o potro massageando e limpando as narinas de secreções e mucosidades;
2. Desinfecção do cordão umbilical;
3. Administração de antibiótico de largo espectro;
4. Controle da incompatibilidade materno-fetal;
5. Verificar se o potro mamou o colostro;
6. Administração de anticorpos para se obter imunidade passiva (sangue, soro ou plasma);
7. Administração de 50 mL de óleo de rícino ou aplicação de uma bisnaga de Fleet Enema®;
8. Exangüíneo, transfusão se for necessário;
9. Aleitamento artificial:

Ingredientes:

- 600 mL de leite de vaca;
- 370 mL de água fervida;
- 4 colheres de sopa de Karo (xarope de milho).

Como proceder:

- 100mL/kg/dia;
- 40 kg – $4.000\text{mL} : 15 = 270\text{mL}$ de h/h até 3º dia (37°C);
- depois do 3º dia, de 2h/2h até 30º dia;
- depois dividir total em 4 mamadeiras diárias, até 8 semanas;
- a partir do segundo mês, dar ração com leite em pó (450g/mês) até o 9º mês.

A partir do diagnóstico de que a égua está gestante, devem começar os cuidados na manutenção da prenhez e da saúde da mãe e do potro. Nesse período, é muito importante que as éguas gestantes não sejam mantidas confinadas junto às éguas vazias. Com o manejo adequado, elas podem fazer exercícios (que não sejam muito excessivos) até um ou dois dias antes do parto.

Mas é importante ressaltar que, no terço final da gestação, as marchas longas e os trabalhos fatigantes podem levar ao aborto. Desse modo, é mais conveniente ao criador mantê-las em um pasto mais próximo à cocheira, pois

facilita as inspeções diárias. Essas cocheiras só deverão ser usadas para protegê-las das tempestades.

No quesito alimentação de éguas gestantes, é preciso que o criador tenha alguns cuidados. Nos três últimos meses de gestação, se a égua estiver pesando cerca de 500 Kg de peso vivo, ela vai necessitar de 18 mil calorias de energia por dia. Essa energia pode ser conseguida com a administração de carboidratos, gorduras e proteínas na dieta. No Brasil, os carboidratos são a fonte mais barata de energia, como o milho.

Quanto ao momento do parto, alguns sinais fisiológicos indicam sua proximidade. São eles:

De 6 a 2 semanas O úbere começa a se desenvolver, adquirindo um formato mais arredondado. Algumas éguas podem não apresentar esse desenvolvimento ou fazê-lo precocemente nos primeiros meses de gestação.

De 6 a 4 dias O leite desce para as tetas.

De 48 a 24 horas Algumas gotas começam a pingar do úbere ou se coagulam nas tetas, dando a impressão de que está saindo um tubinho de parafina.

O atendimento clínico realizado pelo médico veterinário possui inúmeras dificuldades, uma delas é a falta de informação sintomática dada pelo paciente. Logo, o diagnóstico ficará restrito, em princípio, aos sinais clínicos do paciente e às informações obtidas através do proprietário do animal. Para adquirir essas informações é feita a anamnese que consiste em recordar o histórico, assim como hábitos do animal, ambiente em que vive e entre outros dados que possam ajudar no reconhecimento da doença ou problema em que o animal se encontra.

Porém, o médico veterinário tem a difícil missão de obter as informações visto que existem vários tipos de proprietários e suas peculiaridades na ocasião da entrevista.

Um exame clínico competente, além de tornar o diagnóstico possível, determina testes auxiliares apropriados, devendo dessa forma, ser realizado de maneira sistemática e completa. Um bom clínico deve saber que uma abordagem sistemática assegura que todas as regiões do corpo serão examinadas.

As marcas naturais consistem na cor da pelagem básica e quaisquer outras marcas extras superimpostas à pelagem. Todo o corpo, inclusive crina, cola e cascos são levados em consideração.

Marcas na cabeça

Marcas brancas na cabeça são comuns e possuem nomenclatura específica. Se contiverem uma mistura de pelos brancos e coloridos, são classificados como mistas; se são circunscritas por pelos de outra cor, são classificadas como debruadas. Assim sendo temos as seguintes denominações: estrela, listra, ladre, combinação das anteriores (estrela e listra confluentes ou estrela, listra e ladre confluentes), mancha (blaze), frente aberta (bald face), pampa, touca (malacara) e marca de carne (flesh mark).

Marcas nos membros

Marcas nos membros são também muito comuns e constituem parte importante da identificação do paciente. Temos as seguintes denominações: coroa (coronet), traço de calçado nos talões e na coroa (heel and white spot), quartela, boleto, canela, joelho e jarrete, marcas pretas e redemoinhos nos pelos.

Redemoinhos de pelos

Padrões de fluxo de pelos são únicos para um indivíduo e importantes para sua identificação. Há numerosos locais, denominados redemoinhos, onde ocorre o encontro entre regiões de pelos orientados em diferentes direções e onde os pelos têm a tendência em permanecer eretos.

Sinais adquiridos

Ainda podemos identificar o paciente equino pelos seus sinais adquiridos, tais como: cicatrizes, marcação por congelamento, marcação a fogo ou tatuagens.

Tipagem sanguínea

A tipagem sanguínea é muito importante para propósitos de identificação ou filiação. Embora não constitua parte da rotina do exame clínico, é frequente um requisito para fins de registro e para verificar a filiação. Embora o número de fatores identificáveis e úteis esteja se expandindo, recentemente tem sido dado estímulo ao desenvolvimento da testagem de DNA.

Identificação eletrônica

O estímulo para um método de identificação simples e inalterável que tenha uma interface com um sistema de recuperação de dados computadorizados gerou a identificação eletrônica. O sistema envolve a implantação de um transponder (microchip) codificado especialmente para um determinado indivíduo que poderá ser identificado aplicando-se um sensor eletrônico.

Anamnese

É de suma importância para o médico veterinário a realização de uma anamnese completa. É nessa etapa do exame clínico que se pede o histórico do animal para o proprietário ou tratador. Deve conter na anamnese os seguintes itens: nome do proprietário, identificação do animal, histórico anterior de doenças, carteira de vacinação, esquema de vermifugação, entre outros dados relevantes que auxiliam a chegada do Médico Veterinário ao diagnóstico final.

As principais causas de erro no estabelecimento do diagnóstico são:

- Anamnese incompleta ou preenchida erroneamente
- Exame físico superficial ou feito às pressas
- Avaliação precipitada ou falsa dos achados clínicos
- Conhecimento ou domínio insuficiente dos métodos dos exames físicos disponíveis
- Impulso precipitado em tratar o paciente antes mesmo de se estabelecer o diagnóstico.

Anamnese

Obtenha o máximo de informações dos responsáveis pelo animal com relação ao seu:

- Comportamento;
- Nutrição;
- Performance.

Nunca induzir as respostas e sempre considerar “lacunas” nas informações.

Inspeção geral

Observe e classifique:

- Escore corporal;
- Postura;
- Comportamento

Importante notar se há aumentos de volume na face (maxilar ou mandíbula).

Inspeção dos dentes incisivos

Separando os lábios superiores e inferiores, verifique:

- Número de dentes incisivos;
- Dentes decíduos;
- Dentes permanentes;
- Oclusão;
- Excursão lateral;
- Fraturas;
- Diastemas.

Aproveite as informações para estimativa da idade.

Contenção do cavalo

Pode ser necessário:

- Cachimbo;
- Tronco;
- Tranquilização/sedação;
- Anestesia local;
- Anestesia geral.

Existem diferentes fármacos, dosagens e associações para situações diversas.

Colocação do abre-boca

Conte com a ajuda de um auxiliar:

- Monte o abre-boca;
- Posicione em frente aos lábios do cavalo;
- Passe a tira por trás das orelhas;
- Enquanto ajusta a tira, force-o entre os incisivos;
- Após o encaixe force a abertura pelas laterais, simultaneamente;
- Regule a amplitude de abertura necessária.

Inspeção dos dentes caninos, pré-molares e molares

Realizando limpeza oral com água e utilizando lanterna e espelho, avalie a presença de:

- Dentes caninos;
- Dentes de lobo;
- Dentes decíduos/capas dentárias;
- Ganchos rostrais;
- Ganchos caudais;
- Pontas excessivas de esmalte dentário;

- Ondas;
- Degraus;
- Ausência de dentes;
- Fraturas;
- Diastemas;
- Ferimentos na mucosa ou língua;
- Gengivite;
- Placa ou cálculo (principalmente nos caninos).

Algumas doenças de equinos causam preocupações nos criadores e é de extrema importância que eles tentem evitá-las ao máximo. Porém, caso alguma doença seja detectada, um programa efetivo de sanidade deve ser posto em ação juntamente com o médico veterinário de confiança.

Equinos adquirem ao longo de suas vidas uma série de enfermidades e disfunções provenientes de vírus e bactérias diversas. Entretanto, algumas dessas doenças podem ser evitadas se métodos preventivos forem tomados no tempo correto.

A higienização das instalações onde os animais vivem também proporciona maior bem-estar aos cavalos sendo, portanto, importante desinfetá-las frequentemente. Dessa forma, é preciso limpar e desinfetar o local, pelo menos duas vezes por semana, sobretudo durante surtos de doenças.

Combater periodicamente carrapatos, moscas, mosquitos e demais ectoparasitas, fazendo pulverização com inseticidas, e realizar periodicamente exames de fezes, a fim de verificar a presença de endoparasitos, por exemplo, são outros métodos eficientes para combater doenças.

Doenças essas que podem causar desde um simples desconforto ao animal ou até mesmo o seu sacrifício.

Fazer a manutenção correta da baia do seu cavalo é a maneira mais eficaz e inteligente de reduzir seus custos e manter a boa saúde do animal.

Muito além de simples lavagem e troca de materiais, os cuidados com os detalhes na baia/cocheira podem prevenir inúmeras doenças, ampliam o bem-estar e conforto do cavalo e podem significar mais momentos de interação e afinidade com seu companheiro equino.

Doenças de casco

Os cascos são a parte mais desgastada dos cavalos em qualquer atividade, por isso merecem cuidados especiais, a falta de manutenção adequada pode acarretar em doenças prejudiciais à saúde e ao desempenho do animal.

Preparamos um artigo sobre o assunto com 6 maneiras de prevenir doenças de casco em equinos.

Cólica eqüina

Proveniente de doenças no aparelho digestivo ou outros órgãos, as cólicas são classificadas como verdadeira ou falsa de acordo com seus sintomas. As verdadeiras causam dores na região intestinal e estomacal, resultando em uma defecação anormal, enquanto a falsa atinge principalmente o peritônio baço, rins e outros órgãos internos.

Pode ser tratado com a aplicação intravenosa de um frasco inteiro de Sedecol e mais 10 ml de Banamine durante 10 dias.

Influenza eqüina

Transmitida por um vírus, a doença ocorre devido ao contato de animais sadios com animais enfermos. Similar à gripe humana, a Influenza equina pode ser chamada também de tosse ou gripe cavalар, sendo comum em ambientes com a presença de vários animais;

Caso seja detectado ainda no início apenas com uma dosagem de 25ml do Borgal, pode ser tratado.

Encefalite eqüina

Popularmente chamada de falsa raiva ou doença de Aujesky, a encefalite é causada por vírus que atacam o sistema nervoso central do animal, causando-lhe perturbações e sintomas graves, como visão comprometida e perda de peso;

Anemia infecciosa

Também causada por vírus, essa doença recebe o nome ainda de febre dos pântanos e é capaz de atingir cavalos de todas as idades, causando febre alta, abatimento e debilidade das patas, sendo transmitida via mosquitos, mutucas e varejeiras. Uma maneira de prevenir a anemia é com a aplicação do Phenodral.

Doenças pulmonares

Você sabia que os problemas respiratórios em equinos já são um dos maiores motivos de atendimentos veterinários?

Em grande parte, isso se deve aos erros de manejo das instalações, além da predisposição dos próprios animais em contrariem estas doenças, muitas vezes crônicas.

As doenças pulmonares são também responsáveis pelo afastamento de grande parte dos cavalos atletas de suas atividades.

Gurma

É uma infecção bacteriana altamente contagiosa, provocada pela *Streptococcus cusequi*.

Os principais sintomas são as temperaturas altas e pus nas narinas. O cavalo terá um ar descorado e sem apetite. Desenvolve abscessos na região da mandíbula e do pescoço.

Enjoo de movimento

É provocado pelas viagens longas e os sintomas são semelhantes aos da gripe: febre alta, palidez, pouco apetite e aumento do ritmo respiratório.

Poderá ser agravado por pneumonia ou pleurisia. Se o cavalo ficar descolorado após uma viagem longa e tiver febre, há que chamar o veterinário sem mais demoras. O cavalo deve manter-se quente e em repouso total.

Cornage

O facto de um cavalo fazer barulho ao inspirar pode reflectir uma obstrução parcial da laringe, comprometer a performance e provocar cansaço e falta de ar prematuros ao cavalo.

O assobio é um som agudo e o ronco mais grave. Ambos podem ser provocados pela paralisia de uma corda vocal.

Epistaxe

É uma perda de sangue pelo nariz. A hemorragia, associada ao exercício, não é comum, podendo ser resultado de um problema grave nas vias respiratórias aéreas superiores da cabeça, em especial, ou de um crescimento anormal (hematoma etmóide) ou, ainda, uma infecção fungicida (micose da bolsa gutural).

Uma hemorragia nasal após o exercício é comum e pode ter origem nos pulmões, após o galope. O sangue costuma ser engolido e não aparece nas narinas.

Este tipo de hemorragias não é um problema, no entanto, uma hemorragia dos pulmões que seja forte pode comprometer a performance e poderá reflectir outras doenças pulmonares.

Se depois do exercício aparecer sangue nas narinas do cavalo, por mais de uma vez, é muito importante chamar o veterinário.

Diarreia

Pode ser causada por alteração súbita da alimentação, ansiedade, parasitas ou uma infecção bacteriana (salmonelose).

Esta infecção é transmissível a outros animais e pessoas, pelo que o animal infectado deve permanecer isolado e quem tratar deste deve lavar as mãos no fim.

Parasitas

Os parasitas são ingeridos no prado. As larvas maturam na parede do intestino e as adultas põem ovos que passam para as fezes.

Um grau alto de infecção pode matar o animal.

Muitas das ações de manejo, como por exemplo, a amamentação de potros no período correto, vacinação, cuidados com a limpeza dos estabelecimentos, alimentação balanceada, esterilização dos materiais cirúrgicos, água limpa, dentre outras, podem fazer a diferença e evitar muitas destas enfermidades.

Algumas das mais comuns são:

- Anemia Infecciosa: é uma doença que pode se apresentar em fases hiperaguda, aguda e subaguda. Tem como principais sinais o inchaço no abdômen, redução ou perda de apetite, depressão e hemorragia nasal. A transmissão ocorre através das picadas das moscas de estábulos, materiais infectados, arreios, entre outros. Infelizmente é uma doença que não possuiu tratamento ou vacina, o animal infectado torna-se portador e fonte de infecção da doença.

- Cólicas: são responsáveis pelas dores abdominais e é resultante de afecções no aparelho digestivo e até mesmo em outros órgãos. Os sinais são bem evidentes, causando inquietação no animal e movimentos estranhos como raspar e rolar no chão, deitar e levantar frequentemente, entre outros.

- Brucelose: é uma doença infectocontagiosa causada por bactéria. Tem como principal fonte de transmissão o contato direto com animais, pastagens, materiais, amamentação, dentre outros meios infectados. Apresenta como sinais clínicos a fraqueza, emagrecimento, inflamações dos ossos e articulações. A brucelose é outra doença que não possui tratamento e cura, existem apenas medicamentos que podem amenizar e aliviar os sinais.

Tétano: é uma infecção causada por uma bactéria que se desenvolve a partir das feridas acidentais ou cirúrgicas que entram em contato com a terra. Tem como principais sinais a rigidez dos músculos de sustentação, marcha travada até a imobilidade, febre e sudorese intensa, orelhas e caudas eretas, travamento da mandíbula impossibilitando o animal de comer e beber, entre muitos outros.

O tratamento é de acordo com o diagnóstico definido, sendo feito o uso de medicamentos, higienização das feridas, vacinação anual e acompanhamento veterinário.

Tétano: é a mais comum de todas. Para saber se seu cavalo está sofrendo dessa doença fique alerta aos sintomas que possa surgir de repente, como locomoção dificultosa, narinas dilatadas, rigidez local ou generalizada, olhos para fora da órbita, orelhas levantas e aproximadas e outros mais. Se ele possuir algum desses sintomas procure alguma ferida aparente. Certifique-se de que o veterinário recolha o material da ferida para exames necessários. Siga corretamente as orientações médicas, dando os medicamentos necessários e evitando a exposição do animal aos raios solares enquanto durar o tratamento. Evite também a exposição à chuva e ao barulho, para que ele se recupere mais rapidamente.

Adenite Equina: conhecida como Garrotilho ou Gurma, causa no animal corrimento nasal e tosse. Os gânglios da faringe, sublinguais e do maxilar ficam inchados. A respiração fica dificultada, podendo, inclusive causar asfixia no animal. Chame imediatamente o veterinário para um exame completo, dê os medicamentos necessários durante o tempo que for solicitado. Limpe e desinfete as baias onde os animais dormem, assim como os boxes, bebedouros, cochos e qualquer outro local de acesso compartilhado com os outros animais. Mantenha o cavalo doente, distante dos demais até sua recuperação total e vacine todos os outros para prevenir. Caso tenha algum outro animal em suspeita de estar infectado, mantenha-os em observação e procure orientação médica urgente.

Gasterofilose: os animais que vivem nas cidades mais frias podem correr o risco de contrair a Gasterofilose. Para saber se seu cavalo está sofrendo com esse mal fique atento ao excesso de coceira nos lábios. Eles apresentam também um emagrecimento progressivo, pois sua língua e dentes são atacados e dificultam a alimentação. Os animais também sofrem com cólicas violentas, quadro de anemia e fraqueza. Em casos mais graves ocorrem hemorragia. Limpe adequadamente o local e retire qualquer evidência de moscas. Elas são as responsáveis pela transmissão dessa doença. Procure urgente o veterinário para exames e tratamento adequados.

Pneumonia

A pneumonia é uma doença onde ocorre uma inflamação do parênquima pulmonar (tecido do órgão) decorrente de infecções, ou até mesmo aspirações de conteúdos estranhos ao pulmão.

As causas da pneumonia são diversas, e em cada caso há diferenças em relação aos sintomas e ao tratamento. Veja os dois principais tipos de pneumonia equina.

Pneumonia Viral

Infecções por vírus podem atingir o pulmão, principalmente a Influenza Equina, a chamada gripe do cavalo é uma doença altamente contagiosa e raramente fatal. Uma característica importante é a capacidade de mutação do vírus, o que reduz o grau e o período de proteção da vacinação.

Sinais clínicos: febre, tosse seca e corrimento nasal seroso, além de depressão, perda de apetite e fraqueza.

Diagnóstico: o diagnóstico geralmente é clínico, após o aparecimento brusco dos sintomas em mais de um cavalo do plantel. Pode-se utilizar testes laboratoriais sorológicos para identificar os antígenos presentes.

Tratamento: sintomático, e visa dar suporte ao animal para seu sistema imune debelar a infecção. Alguns fármacos podem auxiliar no tratamento, a exemplo da associação de um broncodilatador com um mucolítico. É necessário isolar os animais doentes para evitar a disseminação da doença. É importante ressaltar que em alguns casos ocorre uma infecção bacteriana secundária, piorando muito o quadro.

Prevenção: práticas de higiene e manejo são necessárias, visto que o uso de desinfetantes comuns é suficiente para inativar o vírus. A vacinação do plantel também é indicada, diminuindo a incidência e a gravidade da doença.

Pneumonia Bacteriana

A pneumonia bacteriana é caracterizada pela colonização do parênquima pulmonar por bactérias. Normalmente é secundária a algum outro problema, como por exemplo estresse, queda na vigilância imunológica, pneumonias fúngicas, aspiração de conteúdos estranhos, intubações, entre outros.

Na maior parte dos casos, as bactérias envolvidas são as mesmas que habitam o epitélio respiratório de animais saudáveis, como o *Streptococcus zooepidemicus*. Mais raramente ocorre por *Streptococcus equi*, *Staphylococcus*

aureus e *Streptococcus pneumoniae*. Esses microrganismos se aproveitam de alguma lesão primária e invadem o tecido pulmonar.

Outras bactérias podem estar envolvidas e complicar a pneumonia, como *Klebsiella* sp., *Staphylococcus* sp., *Bordetella bronchiseptica*, *Actinobacillus equuli*, *Pasteurella* sp., entre outras.

A pleurite, ou pleuropneumonia é uma das principais complicações da pneumonia bacteriada, agravando muito o quadro clínico.

Sinais clínicos: descarga nasal purulenta, febre, tosse, inapetência, taquipnéia e/ou dispnéia e, eventualmente, odor desagradável à expiração. Nem todos os sinais clínicos estarão sempre presentes e a severidade é variável de acordo com o grau de comprometimento do tecido pulmonar. Diferentes ruídos na auscultação pulmonar são observados, indicando a movimentação de secreções.

Diagnóstico: além do quadro clínico que caracteriza a doença, é possível fazer um lavado transtraqueal e aspiração a fim de analisar a citologia e a presença de bactérias no material. A realização de culturas e antibiogramas é importante para avaliação do quadro e escolha do tratamento.

Tratamento: uma terapia antimicrobiana de amplo espectro, a exemplo das penicilinas (PROPEN), deve ser instituída assim que se confirmar a pneumonia, e antes mesmo do isolamento da bactéria ou dos testes de sensibilidade. Quando há líquido pleural é necessário que se faça a drenagem. A terapia de suporte deve ser instituída, com fluidoterapia, com analgésicos e anti-inflamatórios para aliviar a dor e melhorar o estado geral, broncodilatadores e oxigênio quando necessário.

Prevenção: deve-se trabalhar na prevenção das causas primárias da pneumonia, e manter o animal sempre em boa saúde, evitando estresse, excesso de trabalho, com manejo adequado, higiene e uma boa nutrição.

Doença Pulmonar Crônica Obstrutiva (DPOC)

A Doença Pulmonar Crônica Obstrutiva, também conhecida como obstrução recorrente das vias aéreas é uma enfermidade comum em equinos, principalmente nos cavalos atletas. É uma afecção que atinge as vias

respiratórias inferiores através de processos inflamatórios e obstrutivos, resultando na limitação crônica e progressiva do fluxo de ar. Em decorrência da limitação, os animais acometidos apresentam dificuldades respiratórias e intolerância aos exercícios.

Etiologia e Prevalência

A doença pode ser resultante de processos respiratórios primários (bronquites e bronquiolites) ou de manifestações alérgicas. Essas manifestações alérgicas normalmente são provocadas pela inalação de substâncias que estão em suspensão no ar, como a serragem e a maravalha, que são utilizadas para compor as camas dos animais. Também é comum desenvolvimento do processo alérgico pela inalação de fenos secos e rações concentradas. O contato frequente dessas pequenas partículas com as mucosas do trato respiratório desencadeia um processo inflamatório e a redução do diâmetro dos brônquios, o que promove a dificuldade respiratória pela obstrução parcial da passagem do ar.

Outro meio de desenvolver a DPOC é através da entrada de microrganismos patogênicos pelas vias aéreas, a exemplo das bactérias, dos vírus e dos fungos, gerando uma reação inflamatória no local que pode se tornar crônica. Entretanto, essa não é a maneira mais comum. Alguns autores dizem que pode existir também uma predisposição genética envolvida no aparecimento da doença.

Dessa forma, a maior prevalência ocorre em equinos com média de idade de 5 anos, alojados em baias, com pouca ventilação, que são alimentados com feno e ração concentrada.

Sinais Clínicos

O aumento da frequência respiratória em repouso é o primeiro indicativo. Posteriormente, os animais apresentam-se com tosse crônica não produtiva (que tende a piorar quando voltam para as baias), secreção nasal, dificuldade expiratória, perda de apetite, perda de peso, narinas dilatadas e intolerância ao exercício.

Em casos mais graves, é comum o aparecimento de uma linha muscular de reforço no abdômen, proveniente de uma hipertrofia pelo esforço respiratório.

É importante ressaltar que a DPOC, muitas vezes, não se mostra clinicamente perceptível, exceto a observação da queda de performance física do animal. Muitos animais, aparentemente saudáveis, apresentam esta doença na redução da sua performance ao exercício e ao trabalho.

Diagnóstico

O diagnóstico é feito através do histórico clínico do animal e do exame físico geral. Existem outros meios que contribuem para o diagnóstico, mas que não são utilizados com frequência. São eles: lavado traqueal, lavado bronco-alveolar e ergoespirometria.

Tratamento

O tratamento é feito com base nos sinais clínicos apresentados. São indicados anti-inflamatórios, broncodilatadores (VITAPULMIN GEL), antibióticos (em caso de infecção bacteriana) e anti-histamínicos.

Prevenção

A prevenção consiste na correção do manejo em geral. Os animais devem ser mantidos em ambientes bastante arejados na maior parte do tempo, sendo os piquetes uma ótima opção. Também é importante que a cama seja de borracha, a fim de evitar a presença de substâncias alergênicas. Quanto a alimentação, é recomendado a substituição do feno pelo capim fresco (verde).

A encefalomielite virótica dos equinos é uma doença infectocontagiosa caracterizada por sinais neurológicos de perturbação da consciência, disfunções motoras e paralisia.

Três são os tipos de vírus causadores da encefalomielite; são RNA vírus da família Togaviridae. Os agentes da enfermidade são os vírus da encefalomielite equina oeste, leste e Venezuela.

Os artrópodos e mosquitos não atuam simplesmente como vetores mecânicos da doença, o vírus se mantém vivo e neles se multiplicam atingindo as glândulas salivares, podendo ser transmitido pela picada.

Os cavalos, ao serem picados, propiciam a réplica do vírus no ponto de inoculação e a seguir, por viremia, isto é, transporte dos vírus pela corrente sanguínea, estes atingem o Sistema Nervoso Central, infectando os neurônios, causando degeneração. As meninges são atingidas e podem apresentar congestão, edema e infiltração celular.

A febre cede em 24 a 48 horas, aparece intranquilidade caracterizada por hipersensibilidade a ruídos e excitação; o animal pode andar em círculos, tropeçar em objetos, bater contra obstáculos como cercas, árvores e paredes, não se alimentar e nem beber água. O cavalo parece que ficou cego. Podem ocorrer contrações musculares involuntárias na escápula e na face e ereção peniana.

Comumente, desde o início da enfermidade, o cavalo apresenta apatia; mantém a cabeça abaixada, imóvel, ou apoiada sobre um bebedouro ou cerca, ou contra a parede, como se estivesse “dormindo”; pode ainda manter o capim ou feno parcialmente mastigado pendendo na boca, como se tivesse “esquecido” de que está com alimento na boca.

Com a evolução, no 3º ou 4º dia da doença, surgem os sinais de paralisia, o lábio inferior permanece aberto e flácido, língua pendente, falta de reflexo cutâneo e durante a marcha incoordenação, principalmente dos membros posteriores. No estágio final, os doentes caem, alguns pedalando com os membros anteriores; manifesta-se um estado de paralisia completa e finalmente sobrevém a morte.

Existem mais de 400 raças diferentes, que habitam quase todos os países do mundo. Este equino vive na natureza em grupos e é um ser muito sociável. No entanto, eles são delicados, por isso, neste artigo, informaremos sobre as doenças do cavalo.

Por ter apenas um estômago, e muito pequeno, ele precisa comer a maior parte do dia. Seu sistema digestivo, característico de animais herbívoros, é a principal causa de algumas doenças do cavalo, como a cólica. No entanto, esta não é a única patologia que este belo e nobre animal pode ter.

Para prevenir ou curar as principais doenças do cavalo, você deve estar ciente de vários sinais, como respiração, mudança de comportamento, suas patas e pés, o aparecimento de anomalias em suas fezes, além do brilho do pelo, entre outros.

Tétano

Esta infecção é causada por uma bactéria que se aloja na ferida do animal. Como o tétano pode causar paralisia respiratória e, subsequentemente, a morte, é essencial ir ao veterinário imediatamente após a detecção de ferimentos ou de lesões no cavalo.

Alguns dos sintomas do tétano são rigidez nos músculos da mandíbula, patas traseiras e pescoço. Além disso, como a presença de feridas é comum em cavalos, o melhor investimento é vacinar o cavalo contra o tétano uma vez por ano.

Sendo mais frequente e popular em cães, a sarna também é uma das doenças mais típicas do cavalo. O ácaro é um parasita que provoca uma condição da pele conhecida como sarna, que causa diminuição do apetite, bolhas, crostas e feridas no animal.

Gripe

A gripe também é uma das doenças habituais do cavalo. Esta patologia é a causa da febre alta, tosse seca, conjuntivite, cólica e fraqueza. Esses sintomas, por sua vez, geram uma diminuição no apetite e no consumo de alimentos e, se o quadro piorar, pode durar meses e levar à bronquite.

A gripe ou gripe equina é altamente contagiosa e, infelizmente, não há tratamento que elimine o vírus. Os antibióticos apenas ajudam a minimizar os sintomas secundários ou o agravamento dos sintomas. Se uma vacinação anterior atuar como prevenção, ainda assim isso não garantirá que o cavalo não venha a contrair uma gripe no futuro.

Caxumba

No caso da caxumba, esta é uma doença com alta taxa de infecção. Ela é facilmente identificada, porque os gânglios linfáticos do cavalo ficam muito inchados na área da mandíbula.

Cólica

Ao contrário do que acontece com os seres humanos, as cólicas são uma importante causa de morte de cavalos. No entanto, tanto suas origens quanto sua prevenção, encontram sua solução na qualidade da água e dos alimentos que são fornecidos ao animal.

Encefalite

A encefalite em cavalos é causada por uma infecção, geralmente por picadas de mosquitos, que gera uma inflamação cerebral e pode levar a convulsões e paralisia.

Atualmente, a encefalite é uma patologia grave com um prognóstico muito ruim. Portanto, é aconselhável tentar a prevenção através da vacinação, desinfecção dos locais utilizados como habitação do cavalo, e a separação e isolamento dos animais doentes.

A laminite

A laminite é uma inflamação no dedo do cavalo causada pela interrupção do fluxo de sangue para a lâmina do casco do cavalo. É necessário salientar que é possível prevenir essa doença tomando o cuidado de não superalimentar o cavalo.

Cuidados com o potro recém-nascido

Geralmente, a gestação da égua dura em torno de 335 a 342 dias. Entretanto, para que o parto ocorra normalmente e o potro não apresente problemas, é

preciso que a saúde e o status corpóreo da égua estejam em excelentes condições

Geralmente, a gestação da égua dura em torno de 335 a 342 dias. Entretanto, para que o parto ocorra normalmente e o potro não apresente problemas, é preciso que a saúde e o status corpóreo da égua estejam em excelentes condições, já que ambos os fatores estão relacionados ao feto e à saúde do neonato.

Assim que nascem, os potrinhos podem requerer alguns cuidados. Por isso, o criador e o tratador dos equinos devem estar preparados para quaisquer emergências. Caso necessário, o criador deve chamar o médico veterinário para avaliar o quadro do animal e tomar os devidos procedimentos.

As primeiras mamadas são imprescindíveis para a saúde do potro, pois conferem a ele imunidade a doenças. E o colostro, o primeiro leite produzido após o parto da égua, possui essa função e deve ser mamado até seis horas após o nascimento.

Em relação ao colostro, este possui efeito laxativo, o que normal. Mesmo porque o neonato deve defecar uma massa chamada mecônio, escura e pegajosa. Se essa massa não for eliminada, deve-se aplicar glicerina no reto do animal por meio de uma sonda própria para tal.

Como os potrinhos são muito espertos e brincalhões, muitas vezes, desajeitados, eles não devem permanecer no curral. O ideal é que fiquem em pastos ou piquetes para evitar acidentes.

Os primeiros momentos após o nascimento são primordiais para qualquer que seja a espécie. Os equinos em específico, apesar de aparência robusta e forte são animais de extrema fragilidade, e os primeiros cuidados ao recém nascido são determinantes para uma saúde posterior.

No momento que o potro vem a estar no chão, os seguintes cuidados são necessários: tentar manusear o mínimo o animal, se isso for necessário estar com as mãos, antebraços e roupas limpos e que não tenham tido contato anterior com animais doentes, evitar manusear boca e narinas do recém nascido, aguardar o animal ficar em pé, assim que isso ocorrer é indicado a administração de um enema, para facilitar a saída do mecônio (primeira fezes do potro), este enema pode ser comprado em farmácias veterinárias ou humanas ou em sua ausência pode ser substituído pela administração de uma seringa de 15ml de óleo vegetal.

Observar se o animal consegue mamar e se está pegando os tetos de forma adequada, é de extrema importância que o potro ingira uma quantidade

adequada nesta primeira mamada, que é quando é liberado o colostro que é a primeira fração do leite e rica em anticorpos que serão responsáveis pela imunidade do potro, e por fim é importante que se "queime" com iodo o coto umbilical (umbigo) afim de evitar que seja uma porta de entrada para bactérias e que possa ocorrer uma infecção no potro, a queima do umbigo com iodo deve ser feita no dia do nascimento e aproximadamente nos próximos 3 dias, uma vez ao dia até que o umbigo aparente estar seco.

O nascimento de um potro saudável é um momento único e especial, que reflete os cuidados tomados desde a vida intrauterina. É de fundamental importância que a fêmea gestante seja vacinada para que o colostro, primeiro leite produzido em cada lactação, obtenha quantidade suficiente de imunoglobulinas, as quais conferem proteção ao animal. O colostro ainda contém eletrólitos, proteínas, gorduras e carboidratos e deve ser ingerido nas primeiras 24h de vida. As éguas devem também submeter-se ao mesmo programa de controle de parasitas internos adotado para os animais adultos, lembrando que todos os produtos da linha Ourofino Equinos podem ser utilizados em fêmeas gestantes.

A ruptura do cordão umbilical, responsável pela ligação entre a placenta materna e o organismo fetal, deve ser realizada ao menos cinco minutos após o nascimento, possibilitando desta forma que todo o sangue contido na placenta seja transferido para o neonato. Esta ruptura pode ser feita por uma leve tração manual, evitando-se o uso de tesouras. A desinfecção e limpeza do cordão umbilical deve ser realizada após sua ruptura. Para este procedimento utiliza-se um pequeno frasco contendo solução de clorexidina a 0,5%, ou iodo 5 a 10%, duas vezes ao dia, até a queda do cordão e completa cicatrização da pele. É necessário estar atento para o engrossamento deste cordão, o qual é um sinal de processo inflamatório local.

Em alguns casos os potros são impedidos de mamar devido à rejeição da fêmea ou até mesmo em casos de mastites ou morte da égua durante o parto. Neste caso é importante avaliar se o animal mamou o colostro, sendo indicado manter na propriedade um banco de colostro a partir de pequenas quantidades de colostro de éguas que parirem ao longo do ano.

A amostra deve ser congelada em frasco de vidro e armazenada por até dezoito meses. O descongelamento do colostro deve ser feito em banho-maria. Substitutos de leite para potros devem conter 18% a 22% de proteína bruta, 10 a 11% de sólidos totais e 12 a 16% de gordura bruta. O leite de cabra é mais digestível que o leite de vaca, e também constitui excelente substituto para o leite equino. O manejo sanitário de potros se inicia aos 30 dias com a primeira vermifugação. Para esta fase da vida do animal utilize produtos à base de ivermectina, abamectina e praziquantel. Somente após seis meses de idade

os potros podem ser vermifugados com moxidectina. A vacinação se inicia aos 4 meses de idade, seguida pelo desmame, que deve ser feito entre o 5º e 8º mês de vida, quando ocorre a maturação do sistema digestivo. Para o desenvolvimento saudável do sistema músculo esquelético os potros devem ser deixados em liberdade na maior parte do tempo. Para a manutenção e auxílio no crescimento de potros a Ourofino conta com o Suplemento Superforte Equinos, que contém complexo de Vitamina B e C, energia, minerais e aminoácidos como a Lisina que favorece o crescimento de animais jovens auxiliando no desenvolvimento muscular.

Para elevar as taxas de glóbulos vermelhos do sangue e auxiliar na recuperação de anemias, como no caso de babesioses e verminoses, a Ourofino oferece ao mercado o produto Metacell, que auxilia o criador nos principais cuidados com o potro. É importante lembrar que o comportamento social do potro também deve ser estimulado. Uma prática comum, que traz resultados satisfatórios, consiste em agregar animais mais velhos em lotes de potros. Desta forma, o animal mais velho serve de exemplo para o mais novo.

Logo após o nascimento, temos alguns cuidados básicos com os potros:

1. Desinfecção do cordão umbilical, com uma solução de iodo a 5-10% (devemos tomar cuidado para não irritar a pele, com soluções muito forte).
2. Observar se o potro mamou o colostro - leite rico em anticorpos e fundamental para a imunização do animal - que deve ser ingerido até 6 horas após o nascimento.
3. Observar se ele defecou duas a três horas após o nascimento para eliminação do mecônio (matéria fecal fetal). Caso não ocorra, deve-se auxiliar o animal através da administração de fluídos lubrificantes via retal (enemas), realizado por profissional capacitado.

A partir daí, os cuidados limitam-se à observação constante para ver se o potro está bem. Observar se o animal não apresenta ectoparasitas (carrapatos) e proceder a uma vermifugação periódica (início aos 30-60 dias e repetir a cada 60-90 dias conforme o tipo de vermífugo).

Desmame

O desmame do potro deve ser sempre gradativo, e não brusco e violento, o que pode causar traumas físicos e psíquicos ao animal. Devemos iniciar entre 5-6 meses de idade e separar o potro da mãe por períodos cada vez mais longos até que, ao final de 15-20 dias, possa ocorrer uma separação definitiva. A partir daí, a alimentação se dará através da administração de volumosos e concentrados que complementem adequadamente as necessidades de crescimento e desenvolvimento do potro.

O acesso a volumosos e concentrados independe do animal ser criado a campo ou confinado. A construção de instalações sofisticadas fica a critério do criador. Bastam algumas cocheiras simples para abrigar animais doentes ou recém - nascidos em dias de chuva. O que não pode faltar são cochos cobertos e árvores para sombra nos pastos e piquetes. Um tipo de instalação especial para potros que pode ser feita é o creep-feeding. É um local dentro do piquete, com um cocho preferencialmente coberto no centro, cercado a uma altura onde somente o potro possa passar. Este local serve para se habituar o potro a uma alimentação com concentrados e complementar a dieta do potro lactente.

Os resultados no animal adulto são visíveis quanto ao desenvolvimento e crescimento de um potro saudável. Recomenda-se deixar os potros em liberdade na maior parte do tempo. As correrias e brincadeiras são extremamente saudáveis e desenvolvem melhor a musculatura.

Os potros adquirem maior resistência às doenças, principalmente respiratórias. No período que vai de 12 a 30-36 meses, o manejo do potro deve ser diário, com a administração de um volumoso de qualidade, abundante, com uma complementação de suas necessidades através do fornecimento de concentrados adequados à categoria e com o acesso livre a água fresca e limpa e ao sal mineral.

Após o parto, o momento certo para a ruptura do cordão umbilical é aquele em que já não se nota a pulsação do cordão. Como o cordão umbilical do equino é longo e espiralado, normalmente a ruptura costuma acontecer sem intervenção. Entretanto, se o cordão não romper é necessário fazer a ruptura através de tesoura ou emasculador.

Após a ruptura, recomenda-se tratar o coto umbilical do neonato com imersão em tintura de iodo, de modo que as paredes internas e externas tenham contato com o produto. Em seguida, outro cuidado pós parto de éguas é livrar o recém-nascido de líquidos que podem obstruir as fossas nasais.

Acompanhar o potro e a primeira amamentação é essencial, sendo que o primeiro leite é rico em imunoglobulinas (coloostro) e irá proteger o potro de possíveis infecções e auxiliará na formação de seu sistema imunológico. Assim, como é necessário observar se ele conseguiu excretar as fezes e se seu sistema gastrointestinal está livre e funciona normalmente.

Uma boa nutrição garante a saúde da égua recém parida, assim como o desenvolvimento do potro. Por isso, é importante fornecer uma ração de qualidade para as éguas em lactação, pois essa é a categoria da espécie equina. Isto é, essa fase suas exigências nutricionais chega ser o dobro de um animal em manutenção.

As éguas em lactação têm maiores com maiores requerimentos em:

- Proteína
- Lisina
- Fósforo
- Cálcio

Outro ponto importante é o escore corporal do animal. Já que, um animal magro não consegue manter suas necessidades nutricionais. Dessa forma, não vai estar saudável o suficiente para produzir um leite de qualidade e nutritivo. Então, se o pasto for de baixa qualidade, o ideal é que se forneça complementos. Como por exemplo, a alfafa e outras rações que sejam ricas em proteínas, minerais e energia.

Então, se o pasto for de baixa qualidade, o ideal é que se forneça complementos. Como por exemplo, a alfafa e outras rações que sejam ricas em proteínas, minerais e energia.

Como a égua tende a perder peso após o parto, é importante mantê-la com um escore corporal entre 5 ou 6 nos últimos meses de sua prenhez.